

# Revista de Agricultura

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

## DIRECTORES

Prof. N. Athanassof  
Prof. Carlos T. Mendes

## REDACTORES

Prof. Octavio Domingues  
Prof. S. T. Piza Junior  
Prof. Westin Vasconcellos

Vol. 6

Março - Abril de 1931

N. 3 e 4

## NOVOS RUMOS A' ECONOMIA CAFEIEIRA

O Brasil foi, até ao presente, theatro de duas grandes derrocadas agricolas: a cultura do assucar e a exploração da borracha. Commentando o motivo pelo qual perdemos, no seculo XX, o controlle da hévea e, no seculo passado, o da lavoura cannaveira, asseverou um economista norte-americano que se prendia a dois factores basicos: rotina e voracidade fiscal. A cada uma dessas "debacles" correspondeu a desagregação da vida economica regional, repercutindo intensamente sobre todo o rythmo da existencia nacional. A cada um desses collapsos succedeu um desmoronamento completo da estruturação politico-social de toda a nacionalidade.

A observação do critico "yankee" foi mais longe ainda. A' sua sagacidade de homem pragmatico, não passou despercebido o phenomeno do café. Estamos outra vez, no curso de nossa evolução historica, entre Scillas e Caribdes. Qual dos dois rochedos o que menor desastre acarretará?

Segundo o seu vaticinio, o Brasil se encontra em um verdadeiro "tournant" de sua existencia economica contemporanea. Poderá resistir ou, pelo menos, sahir-se com gallardia dos perigos que ameaçam destruir pela base os fundamentos sobre os quaes se estriba a presente riqueza brasileira?

E' facto de observação comezinha que, mesmo que o governo federal consiga adquirir todos os "stocks" de café armazenados nos reguladores e que institua posteriormente a liberdade de commercio para a nossa lavoura-basica, as soluções preconizadas, afim de debellarem a crise cafeieira, não a resolverão. As causas sendo as mesmas, identicos serão os efeitos.

Temos, pois, de proceder a reformas agrarias, que affectarão profundamente a propriedade cafeieira. Todos os paizes

da epoca estão procurando, por meios identicos, encaminhar as questões sociaes, que se vão tornando cada vez mais prementes e imperiosas. O latifundio não mais se justifica, no tocante á exploração da rubiacea. Os processos de beneficiar e commerciar o producto soffrerão tambem alterações sensiveis. Onde, porem, o espirito clarividente, dentro ou fóra dos meios officiaes ou particulares, com a vizão clara do futuro do café, em condições de, racionalizando a cultura, impedir-lhe o sossobro definitivo ?

Luis Arquistain, culminancia do pensamento espanhol de nossos dias, vem de visitar o Mexico, publicando um trabalho que constitue o panegyrico sincero do que fizeram, na terra millenar dos oztecas, os seus, grandes reformadores agrarios. Em conversa com o ex-presidente Calles, ficaram-lhe na memoria as seguites palavras : — “A revolução agraria no Mexico é de natureza socialista. conservando, porem, a propriedade privada. Se a exploração da terra continúa a ser feita pelo productor isolado, os meios de vender, de commerciar, de apropriar-se dos instrumentos e apparatus de producção estão sendo cada vez mais cooperativistas”.

Não nos parece estarmos distanciados da verdade rural brasileira, encontrando alguma analogia entre a experiencia mexicana e os rumos que a lavoura cafeeira será coagida a assumir. Lá, como aqui, subsistirá, no maximo, a propriedade media. O cooperativismo para a producção e a venda do producto tomar-se-á um “compelle intrare” para a vitalidade da maior lavoura nacional. Residirá ahi, aliás, o estímulo mais poderoso para o melhoramento do producto, exigencia cada vez maior do mundo consumidor, e para a evolução da cultura.

Em um momento historico que é todo mutação, dynamismo, avenidas novas rasgadas no organismo vivo das nações da epoca, alimentar a esperança de que a lavoura de café, passada a tormenta que vem flagellando ha mais de dois annos, poderá ser explorada, proveitosamente para o Estado e o productor, pelos processos antigos, é fugir á percepção das correntes transformadoras que já plasmaram uma outra phisionomia material ao mundo.

Dispomos, portanto, de meios para evitar que se reproduzam as duas syncopes economicas que retardaram a marcha da nacionalidade. O seu desconhecimento pode ser nos fatal. As mutações economicas, quando não encontram abrigo em uma legislação previdente e avançada, zombam das organizações sociaes. Possuem a força irresistivel dos vulcões: transformam, pela violencia, em minutos, o que o esforço humano construiu em seculos...